

## ARTIGO

---

## Nas trilhas do discurso: as contribuições de Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux

Anderson Lins Rodrigues<sup>1</sup>

Manassés Morais Xavier<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir algumas especificidades do arcabouço teórico de duas vertentes de análise do discurso: a perspectiva denominada Análise Dialógica do Discurso (ADD), situada a partir das ideias de Bakhtin/Voloshinov e a Análise do Discurso, cuja orientação advém das reflexões de Michel Pêcheux – AD pecheuxtiana, com fulcro na ideologia como constitutiva dos sujeitos e dos sentidos. Para consecução desse objetivo, faremos o contraponto de alguns de seus pressupostos, como as noções de *língua*, *discurso*, *signo*, *ideologia*, *indivíduo social/sujeito* e *sentido (efeito de) sentido*, com os postulados de Ferdinand Saussure, bem como tentaremos estabelecer um diálogo/duelo entre as ideias defendidas pelas duas vertentes.

**Palavras-chave:** Discurso; Análise do Discurso; Dialogia; Ideologia.

### Introdução

#### Para efeito de início: *o ponto de vista cria o objeto*

Estudar Linguística exige tomar decisões em relação ao que priorizar no estudo da língua, ou seja, a que “porção” dela estamos nos referindo, que ponto de vista será escolhido. Essa é uma reflexão que deve ser feita quando se pretende

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da professora Evandra Grigoletto.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal de Campina Grande.

analisar um objeto tão multifacetado e heterogêneo.

Pelo exposto, é possível depreender que a Linguística se propõe a estudar cientificamente o objeto *língua*. Contudo, essa definição é passível de questionamentos em razão da fluidez que caracteriza esse objeto, de tal modo que podemos nos questionar se, a depender da “lente” (enfoque teórico) com a qual se olha o objeto, ele permanece sendo o mesmo.

Essa provocação nos faz pensar que a língua pode assumir contornos diferentes, à medida que for analisada por distintas lentes e, sendo assim, a Linguística teria um feixe de fenômenos (objetos) relacionados entre si, pesquisáveis de pontos de vista variados e independentes uns dos outros (BORGES NETO, 2004).

Nesse sentido, o objetivo de observação/estudo pode atuar para (con)formar o objeto, que não está pronto, ao contrário: precisa ser delimitado/recortado via perspectiva teórico-metodológica, ou seja, é preciso conceber que entre objeto observacional e objeto teórico há um necessário processo – o que Bachelard (1982) denomina de *geometrização do real*.

A respeito da dinâmica inerente à investigação científica da língua, Dascal (1982, p. 18-19) considera que, mesmo em curto espaço de tempo, a Linguística vem sofrendo significativas transformações:

Os métodos de observação e análise dos dados, a própria delimitação do objeto de estudo e, conseqüentemente, também os resultados obtidos – nada ficou imune a essas mutações. Longe de terem cessado, elas continuam a processar-se ainda hoje, diante de nossos olhos. Teorias diferentes, muitas vezes opostas em relação a questões fundamentais, continuam disputando a primazia dentro da linguística atual. A evolução recente dessa disciplina, portanto, constitui-se num

campo privilegiado para o estudo dos vai-e-vens do pensamento científico.

As palavras do autor não deixam dúvidas acerca do edifício teórico e metodológico em contínua (re)construção. Dizendo com outros termos: a Linguística continuaria sendo convulsionada por debates e controvérsias. É, pois, um campo de estudos “instável”, a começar pela imprecisão conceitual de seu objeto, bem como pelos resultados conflitantes que, ainda que considerem o “mesmo” lastro: a língua tem revelado que há sempre novos questionamentos a ser feitos, outras nuances a ser contempladas e outros pontos de vista que devem ser levados em conta para mirar um objeto eminentemente plural.

Toda essa discussão pode ser relacionada ao que Ferdinand Saussure – marco da Linguística enquanto campo científico do conhecimento humano – afirmou:

Alguém pronuncia a palavra nu: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão de uma ideia, como correspondente do Latim *nudum* etc. **Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.** (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15, grifos nossos).

É possível pensar, de acordo com as ideias de Saussure, que a sua concepção de fazer ciência alinha-se às possíveis interpretações de um dado objeto e que, assim, passa a ter existência a partir de um ponto de vista, e não o contrário.

Consideramos necessário iniciar nossas reflexões com esse preâmbulo, a fim de esclarecer que, do lugar teórico em que nos situamos, não concebemos a ideia de que há um *a priori* que anteceda um ponto de vista, ou seja, não há um objeto predecessor a um modo de observá-lo, investigá-lo. E é nessa direção de sentidos que propomos pensar as duas perspectivas de análise do discurso enquanto arcabouços teórico-analíticos que reivindicam a prerrogativa de dizer o discurso no batimento com o social, o histórico, o político e o ideológico.

Em outras palavras, assim como há na Linguística vertentes teóricas para refletirem sobre a língua, igualmente há gestos teórico-discursivos que se configuram a partir de “disputas” por uma enunciação legitimada sobre o objeto discurso. Por fim, cremos ser prudente, no intuito de evitar valorações a uma perspectiva em detrimento de outra, fazer a ressalva de que “filiar-se a uma teoria é reconhecer-se frente a determinadas possibilidades de perguntas e de práticas científicas, em determinadas condições de produção” (ORLANDI, 2007, p. 11).

Dito isso, na seção seguinte, verticalizaremos essas reflexões, objetivando entender como as perspectivas em tela privilegiam o estudo da língua, do discurso e de seu entorno, partindo das ideias de Saussure, mas, ao mesmo tempo, ampliando-as.

## **1 (Re)significando pontos de ancoragem: Estruturalismo e ciência da língua**

Para avançarmos em nossas reflexões a respeito das duas perspectivas de análise do discurso, acreditamos ser preciso recapitular, sumariamente, alguns dos

postulados saussurianos, ao pensar e estabelecer a língua como objeto da Linguística.

Saussure privilegiou uma perspectiva que concebia a língua desvinculada do contexto social (exterioridade), sem relação com os indivíduos que dela faziam uso, mas como uma forma isolada, onde apenas havia relação entre os elementos linguísticos desse sistema codificado. Assim sendo, o indivíduo, usuário da língua, era inerte, passivo em relação a esse sistema (já estruturado) e ao meio social.

É o que define o posicionamento do paradigma formalista em que Saussure se situa nos estudos linguísticos. Esse paradigma caracteriza-se pela autonomia da sintaxe da língua, pela sistematização soberana do código. “Em outras palavras, de forma geral, o formalismo da gramática chomskiana é definido pela priorização do “formal” [...] e pela imposição de uma metodologia de pesquisa que trata esse “formal” com absoluta independência de suas relações” (BORGES NETO, 2004, p. 84, grifos do autor).

Assim, partindo das ideias de Saussure, mas, sobretudo, elegendo outro olhar para a língua, o campo de estudos filosóficos, aqui sintetizados, como dissemos, a partir do pensamento de Bakhtin/Voloshinov e de Michel Pêcheux, viram nos estudos linguísticos uma possibilidade de intervenção política, de modo que o aspecto semântico, o social e os indivíduos/sujeitos, em sua prática languageira, pudessem ser contemplados, permitindo, desse modo, o entrelaçamento entre ideologia e língua(gem).

A nosso ver, em ambas as perspectivas filosóficas há, notadamente, uma crítica à ideia de indivíduo apenas como suporte da estrutura linguística, anterior e exterior a ele, bem como à concepção de que o sentido se dá, tão-somente, na/pela

relação intrassistêmica.

Esse outro ponto de vista para a língua(gem), a propósito, é responsável por consideráveis deslocamentos no campo de estudos linguísticos, permitindo outras possibilidades de análises que concebesssem o exterior – sujeito e sociedade – para o/no “interior” da língua(gem), como aspectos constitutivos e, por isso, decisivos para a análise da língua em uso, numa perspectiva funcional.

Deve-se, também, a esses paradigmas filosóficos o caminho percorrido pelos estudos da língua(gem) com as teorias sociointeracionistas, sociodiscursivas, dentre outras, que se debruçam sobre a prática languageira, entendendo que a língua é o resultado de interação entre sujeitos sociais, de práticas históricas, políticas e culturais. Podemos sintetizar, enfim, dizendo que, graças às reflexões filosófico-discursivas, começou-se a pensar o sujeito e o social na/da língua, sendo essa estrutura não mais inerte, mas dinâmica e mutável.

## **2 No entremeio do dialogismo e do ideológico: novos objetos, outros conceitos**

Feitas essas considerações, propomos agora pensar sobre o alicerce teórico a partir do qual é erguido o pensamento de Bakhtin/Voloshinov, considerando, para isso, a noção de dialogia. Entendemos por dialogia, *grosso modo*, a relação social inextrincável entre “eu” – “tu”, ou seja, o “outro” e o “um” que se constituem, reciprocamente, de maneira que toda ação, no campo da língua(gem), é, necessariamente, orientada pela presença de um diálogo/duelo.

Essa proposição implica em consideráveis deslocamentos nos estudos da língua(gem), centrando-se em críticas às concepções de Saussure e aos (re)cortes por ele estabelecidos, ao descrever e analisar a língua. Nesse sentido, Bakhtin/Voloshinov estruturam, em torno das noções do “objetivismo abstrato” e do “subjativismo idealista”, suas críticas à concepção de língua sistêmica e imanente como uma estrutura onde o social e o sujeito não intervêm.

De acordo com essa crítica, a língua não poderia se reduzir a uma concepção sistêmica, mas necessitava dar conta das relações sociais e interindividuais. Em outras palavras, as relações entre indivíduos se estabeleceriam pelo viés linguístico. Portanto, a língua seria uma atividade/fato social que se funda nas necessidades de comunicação entre indivíduos inscritos no social.

À luz dos estudos bakhtinianos, a língua não pode ser vista como um produto sem vida, estanque, mas “banhado” pelo fluxo histórico e contínuo de indivíduos socialmente organizados. Nas palavras de Bakhtin (2015), a língua não é única, possui vida social a partir de universos concretos, reais.

Logo, depreendemos que para se estudar a linguagem e, conseqüentemente, a língua, é preciso, sob as lentes de Bakhtin: lançá-la no tempo e no espaço, o que adere a um pensamento sobre a inter-relação entre linguagem, sociedade e história. É necessário, pois, considerá-la em um corpo social, em espaços de vivências de grupos que se organizam para promoverem o exercício dialógico da linguagem e voltá-la para a estrutura, para a materialização corpórea de elementos linguísticos estruturados e estruturantes, articulados morfo e fonologicamente, e que são vinculadores de funções semânticas agregadoras de ideologias.

Já os pressupostos teórico-analíticos de orientação pecheuxtiana se fundam em um campo de estudos que se ancora no objeto língua para refletir sobre as relações entre língua/sujeito/ideologia materializadas no *discurso*. A proposta sinaliza para a compreensão de que discurso é efeito de sentido entre sujeitos ideologicamente constituídos e, por isso, para o discurso, convergem o político e o histórico, com suas normas e coerções sociais. É, portanto, no objeto discurso que podemos analisar a relação de atravessamento entre língua e ideologia.

Antes, porém, de avançarmos com essas reflexões, vamos pontuar alguns gestos da interpretação de Pêcheux às ideias saussurianas para formulação da proposta teórica de análise ideológica do discurso.

Inicialmente, notamos que as críticas feitas por Pêcheux (2009) ao Estruturalismo são fundamentadas ao passo que propõe que, entre a dicotomia *língua - fala*, há entremeios que a problematizam e a tornam mais complexa. Pêcheux, com esse gesto, reivindica a noção de *condições de produção*, que fazem funcionar um discurso, devidamente situado e com interlocutores/sujeitos inseridos em uma dada formação social e, por isso, afetados por uma estrutura ideológica.

A partir dessa direção argumentativa, acreditamos que se faz necessário transcender o nível da frase e contemplar o contexto extralinguístico (condições de produção). A questão, nesses termos, não mais se detém às relações entre a *língua* (sistema e sequência sintaticamente estável) e a *fala* (possibilidades de manifestação individual do locutor).

Entre essas duas instâncias “surge” um elemento novo: o discurso. E é Pêcheux que sinaliza para pensarmos no objeto discurso como “parte de um

mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas *nem puramente individuais nem globalmente universais*, mas que derivam da estrutura de uma ideologia” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 75, grifos nossos).

A partir de Pêcheux, pensamos que o discurso, por não ser da ordem do individual (fala), nem do universal (língua), situa-se em um nível intermediário e só pode ser concebido através do trabalho de sujeitos inscritos no social e afetados ideologicamente.

Enquanto as abordagens estruturalistas focavam nos estudos da língua como sistema abstrato, a proposta teórica de Pêcheux objetiva descrever os arranjos textuais discursivos na sua intrincação material, pondo em suspenso a produção de interpretações. Dessa forma, Pêcheux, ao introduzir no estudo da língua um viés político e ideológico, mediante a articulação da língua com a história, acrescenta a questão do sentido, das significações e da interpretação, concebendo, com esse gesto teórico, a língua como a base material na qual se constroem os processos de significação.

A AD, dessa forma, ressignifica os limites da dicotomia clássica saussuriana *langue/parole* e a análise linguística do texto, que o concebia como um objeto fechado em si mesmo. Essa teoria se constitui como uma prática política de leitura, objetivando ler uma materialidade significante em sua discursividade, em sua filiação com o real e a história, na medida em que a relaciona à sua exterioridade constitutiva: um exterior, dizemos com respaldo em Pêcheux (2009, p. 258), “que é o conjunto dos efeitos, na esfera da ideologia, da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas”.

Pelo exposto, é possível concluir que as duas vertentes de análise do discurso aqui discutidas, mesmo com suas especificidades, aproximam-se e contribuem de maneira significativa para as reflexões acerca da língua(gem), na medida em que inserem o social e os indivíduos/sujeitos.

Com a instauração de outras possibilidades de análise e reflexão linguística, observamos que estão postas as condições de emergência para outros/novos conceitos e objetos, tais como: *discurso*, *ideologia*, *sentido/(efeito de) sentido*, *indivíduo social/sujeito*, além da ressignificação de *língua* e de *signo*. É sobre essas questões que nos debruçaremos nas próximas páginas.

Para efeito de sistematização e com vista a estabelecer um contraponto, tanto entre as ideias das duas perspectivas em tela, como também entre elas e os postulados por Saussure, organizamos nossas reflexões, lendo, em um primeiro momento, as concepções dialógicas de *língua* e *discurso* (eixo dialógico 01) e, logo após, as representações ideológicas de *discurso* e *língua* (eixo ideológico 01)<sup>3</sup>.

Em seguida, abordaremos as concepções de *signo*, *ideologia*, *indivíduo social* e *sentido* (eixo dialógico 02) para, então, de acordo com o escopo teórico da AD pecheuxtiana, pensar sobre *sujeito*, *ideologia* e *(efeito de) sentido* (eixo ideológico 02).

---

<sup>3</sup> Metodologicamente, ao elegermos esses dois eixos, não intentamos compreender que as questões ideológicas não foram pensadas e consideradas por Bakhtin e o Círculo. A nomenclatura dos eixos funciona, didaticamente, como uma possibilidade de localizarmos, nesse trabalho, o lugar das duas vertentes de estudos do discurso aqui representadas, a saber: ADD e AD pecheuxtiana.

## 2.1 Primeiro eixo dialógico – língua e discurso

É preciso retomar, inicialmente, a ideia de que Bakhtin/Voloshinov distanciam-se da concepção e do estudo de língua-sistema/código de Saussure e propõem que ela precisa dar conta das relações sociais e interindividuais e, por isso, só pode ser observada/analísada em suas condições materiais/verbais de acontecimento. Com esse outro olhar para o objeto da Linguística, esses filósofos demarcam novas fronteiras teórico-analíticas, sem desprezar a forma linguística, mas, privilegiando o movimento e a história em detrimento das características de fechamento e cristalização de tais formas.

A esse respeito, inclusive, eles elucidam que a verdadeira substância da língua não é construída por um sistema abstrato de formas, tampouco pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal. Observemos que, com esse gesto, os bakhtinianos convocam a mobilização de outra concepção de língua, diferente da preconizada pelo Estruturalismo de Saussure que “não só pode prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão presentes” (SAUSSURE, 1916, *apud* INDURSKY, 2005, p. 102).

Essas considerações nos permitem dizer que a filosofia bakhtiniana compreende a língua como um corpo material de um corpo social e, por isso, se configura em seu funcionamento social e interacional entre indivíduos. Partindo desse contexto de reflexões, é possível percebermos que a concepção de língua postula a natureza social em detrimento da individual e, por isso, reflete os conflitos e confrontos entre valores sociais, o que nos leva a pensar esse objeto em seu aspecto

heterogêneo, suscetível a mudanças de ordem histórica e cultural.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 123).

Decorre dessa constatação o fato de que, se a língua é um reflexo da ordem social, em havendo modificação nas estruturas sociais, haverá modificação na língua. Nesse caso, pelo motivo de refletir as variações sociais, a língua é, por excelência, heterogênea e variável.

Com o desenvolvimento dessas ideias e a inserção do exterior (social e sujeito) para a observação dos fatos da língua(gem), é possível sinalizar para outras categorias de análise, como *o discurso* – entendido como a concretude da língua, quando em uso por indivíduos que representam na enunciação suas (de sua classe social) posições valorativas.

A noção de discurso ganha importância de tal maneira que a filosofia bakhtiniana pondera que, para haver relações dialógicas, é preciso que o material linguístico tenha entrado no campo do discurso, tenha sido transformado em enunciado, tenha, ainda, fixado a posição de um sujeito social. Apenas por meio dessa relação de/entre posições valorativas é possível estabelecer relações de sentido.

Bakhtin (2010) lê o discurso como a efetividade da língua em campos de comunicação. O discurso, nessas condições, evidencia-se quando as práticas sociais

de linguagem assumem, ideologicamente e historicamente, compreensões dialógicas baseadas nas vivências culturais e filiadas a campos da comunicação.

Passemos, agora, para a discussão do primeiro eixo da perspectiva discursiva.

## **2.2 Primeiro eixo ideológico – discurso e língua**

Sempre considerando a interseção entre a língua e o social, as ideias de Pêcheux problematizam a relação – sujeito/língua/ideologia – mediada pelo nível intermediário do discurso, ou seja, entre a singularidade individual (fala) e a universalidade (língua). Esse gesto teórico de Pêcheux tem como efeito a instauração do discurso como objeto da perspectiva discursiva que fundou.

Pêcheux, assim, entende que o discurso é um objeto social e, por isso, não poderia ser pensado pelo trabalho produzido por indivíduos que interagem, todavia, por sujeitos sociais – interpelados pela ideologia, inscritos em lugares sociais e identificados em posições-sujeito, a partir dos quais “produzem” “seu” discurso. Ainda segundo Pêcheux, o discurso é a materialidade da ideologia, lugar onde se encontram a língua e a historicidade para significar.

A partir desse direcionamento, é possível que pensemos o discurso como um objeto linguístico e também histórico, ideológico e social. Atributos que igualmente se aplicam à língua, entendida como objeto material do discurso e, nessas condições, sujeita a falhas e a deslizes de sentidos. Por ser o lugar material do discurso, a língua não é um mero sistema de signos, tampouco deve dar conta apenas das relações interindividuais, mas também do histórico e do ideológico e, sendo assim, os aspectos

do ambíguo, da ambivalência, do equívoco lhe são constitutivos.

Dessa forma, interpretamos que a orientação das ideias pecheuxtianas é a de que a língua sofre, reflete e refrata as ressonâncias de ordem ideológica e política e, por essa razão, se constitui não só pela relação sistêmica, mas, preponderantemente, pela sua relação com o exterior. É possível depreender, então, que a língua é uma materialidade significante revestida por condições externas de produção. É, ainda, a base dos processos de interlocução/comunicação, mas com a necessária consideração de seu funcionamento político-social e, por isso, discursivo.

Nesse contexto de discussões, é preciso sublinhar que, à revelia da proposta estruturalista sistêmica da língua, outras relações são possíveis, tais como: as relações de sentido existentes entre discursos que, a depender das condições de produção, podem, entre si, estabelecer efeitos de sentidos de confirmação/negação/sobreposição/sustentação. Com isso, a proposta pecheuxtiana sinaliza para a possibilidade de ampliar a percepção das relações linguísticas existentes, visto que discute o funcionamento extrínseco à/da língua.

Acreditamos, ainda, que essas reflexões permitiram que analisássemos a língua não apenas pelo nível da *organização* (ORLANDI, 2005), cujos espaços estão relacionados aos sentidos de regra, sistematicidade, linearidade; mas, também, pelo nível da *ordem*, o que significa dizer que a língua está no nível da falha e do funcionamento que só podem ser observados se levarmos em conta que a história ultrapassa os limites da sistematicidade linguística.

Dizendo com outros termos, ao ultrapassar a organização (regra e sistematicidade), podemos chegar à ordem da língua (funcionamento, falha) e da

história (equívoco, interpretação). Portanto, é possível conceber o deslocamento da língua-sistema de signos para a língua materialidade do discurso – base comum para diferentes processos discursivos e, por isso, eminentemente opaca. Nessa perspectiva, o exterior lhe é constitutivo.

Enfim, de acordo com tais representações, língua e discurso são atravessados pela incompletude, pelo equívoco. Aqui, entende-se que o *impossível da língua* (tudo não pode ser dito) é algo constitutivo desse objeto – o *real* da língua (GADET & PÊCHEUX, 2010).

### **2.3 Segundo eixo dialógico – signo, ideologia, indivíduo social e sentido**

Concebemos os conceitos dos objetos acima tão imbricados que optamos por discuti-los de maneira articulada. Começamos, então, pela noção de signo, defendida por Saussure como meramente linguístico, e que foi ressignificada pela filosofia dialógica, saindo da relação intrassistêmica para a sua relação com o social e com o ideológico.

Dizendo de outra maneira, o signo é entendido como *arena* onde e a partir da qual os indivíduos sociais se relacionam/dialogam e se confrontam, ou seja, sob a palavra, o signo agita-se como expressão/posição valorativa. É, pois, o resultado da fusão da palavra com a realidade concreta/material.

O signo, por isso, é ideológico: reflete e refrata valores sociais de tal maneira que, sem signos, não há ideologia. Essa relação inextrincável, inclusive, é necessária

para melhor compreendermos o funcionamento da ideologia via signo.

É possível interpretar que a ideologia se entrelaça com o signo e expressa uma consciência de classe (tensão entre forças). Dessa forma, a ideologia se situa entre indivíduos organizados socialmente e pode ser caracterizada como um conjunto de reflexos e das interpretações da realidade social que têm lugar na mente do homem. Em suma, essa força material, agenciada nos/pelos signos, organizam, reproduzem, expressam ou subvertem as relações histórico-materiais dos indivíduos.

Pela relação exposta entre signo, ideologia e indivíduo social, percebemos que há um considerável deslocamento na concepção de indivíduo como suporte da estrutura linguística para indivíduo social, que se constitui, organiza a vida em sociedade e “faz” sentido a partir da interação verbal com outro(s) indivíduo(s).

A relação interindividual e desses com a língua é tão decisiva para a concepção dialógica que podemos afirmar que a noção de língua se imbrica com a de indivíduo social, de maneira que sua atividade mental, sua materialidade subjetiva, suas intenções e seus desígnios conscientes não existem fora da materialização objetiva na/da língua.

De acordo com esse raciocínio, o indivíduo não é apenas um suporte da estrutura linguística, mas toma um lugar/se inscreve na língua a partir da classe social que representa e, desse modo, interage de maneira *consciente* do lugar social (posição de classe) que representa na enunciação. A mente do indivíduo social, portanto, possui uma natureza sócio verbal e seria estruturada mediante sua inserção no universo ideológico dos signos, através da interação social, o que, em outras palavras, quer dizer que a intersubjetividade precede a subjetividade.

E é dessa relação entre indivíduos e desse contexto mencionado que “surge” o sentido, ou seja, indivíduos dialogam/duelam pela/na arena do signo e o sentido “advém” como resultado desse diálogo/embate. Não é, portanto, de maneira alguma, intrassistêmico, mas, sobretudo, exterior, social.

O sentido, assim concebido, é de natureza interindividual, expressa um valor social que é estabelecido a partir da relação entre indivíduos socialmente organizados, pertencentes a uma mesma comunidade linguística e, ainda, existe em relação ao contexto econômico-político, ocupando-se das e através das relações dialógicas e ideológicas.

#### **2.4 Segundo eixo ideológico – sujeito, ideologia e (*efeito de*) sentido**

Ao alicerçar a teoria discursiva, Pêcheux relaciona, entre si, os conceitos de sujeito/ideologia/sentido e, nesse fito, amplia o conceito de indivíduo, deslocando-o da posição de seu estatuto subjetivista, isto é, consciente, intencional e *dono* de seu dizer, para sujeito-efeito da ideologia, discursivamente construído pela diferença.

Dito isso, a fim de melhor problematizar como os indivíduos se constituem em sujeitos e, nesse mesmo gesto, “fazem” sentido, propomos a discussão sobre *Interdiscurso e Formação Discursiva*. É sempre pertinente enfatizar, ao pensar em interdiscurso, que tomamos esse conceito como eminentemente plural, pois são inúmeros os enunciados que, de alguma forma, captamos e, por eles, somos captados. Eles (enunciados) estão no interdiscurso, ganhando corpo, sentido, e estabelecendo

relações de aproximação e de distanciamento, fazendo, através desse movimento, surgir as formações discursivas – regionalizações dos sentidos.

Aqui, cremos ser válido dizer que entendemos esses conceitos – interdiscurso e formação discursiva (FD) – com base nas características da heterogeneidade e da alteridade, haja vista que são, em seu conjunto, o resultado – indefinido e aberto – de uma diversidade de enunciados, sentidos e ideologias.

É o *interdiscurso* que aparece no cerne do processo de constituição dos sentidos, ao passo que as formas de agrupamento dos sentidos são as *formações discursivas*. Assim, o interdiscurso pode ser entendido como um conjunto disperso de enunciados que constitui a memória do dizer, ou seja, o a-dizer, com “seus sentidos” e com ideologias que estão nesse fio transversal que permite o “surgimento” de “outros/novos” discursos.

Já a FD, nas palavras de Pêcheux (2009, p.147), “é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. Podemos entender, então, que é a dimensão vertical, a do interdiscurso, que gerencia a repetição, ao passo que instaura o esquecimento, o apagamento. Assim, o interdiscurso de uma FD pode ser considerado como o que regula o deslocamento das fronteiras da(s) FD.

É no interior desse sistema aberto, vazado, que se produz um conjunto de regras que definem a identidade e o sentido dos enunciados que o constituem. Ou seja, é a própria FD, entendida como uma lei de série, princípio de dispersão e repartição dos enunciados, que define as regularidades que validam e legitimam os

“seus” enunciados constituintes.

Por isso, o modo pelo qual o indivíduo é constituído em sujeito não lhe é acessível, porque o sujeito que se define como “posição” se produz a partir de/em distintos e diversos discursos, numa relação regrada com o interdiscurso, definindo-se em função de uma FD pela/na relação com as demais. É nesse terreno onde o sujeito circula e promove deslocamentos, alterações no arcabouço do a-dizer, do formulável.

Pelo exposto, é perceptível que o sujeito, do ponto de vista da AD pecheuxtiana, é caracterizado pela dispersão, por ser eminentemente cindido, clivado, por ser constituído na relação com o interdiscurso. Não é consciente, não está inscrito em um lugar social e não está, necessariamente, organizado socialmente (luta de classes), mas “assume”, no/pelo discurso, posições-sujeito.

Atua sobre esse sujeito, ainda, o efeito da ilusão, advindo do *esquecimento constitutivo*: é (in)consciente, não tem acesso ao que está posto no *inconsciente*, para onde vão e se (re)formulam, por meio de duelos, embates e aproximações, as ideologias, os dizeres múltiplos a que foi exposto e, assim, o constituíram como tal – sujeito-posição, sócio histórico e ideologicamente constituído.

Na medida em que o indivíduo se constitui em sujeito, através da lingua(gem), que se inscreve na história para significar, estreita os laços com o sentido. Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Nesse processo de constituição do indivíduo em sujeito ideológico é decisivo o mecanismo da interpelação da ideologia, pois, em um mesmo gesto, constitui sujeitos

e sentidos.

Ao ser interpelado, o sujeito se identifica com determinados saberes de uma FD que lhe parecem evidentes. Essa identificação já é efeito da ideologia. Por isso, os estudos discursivos de orientação pecheuxtiana pensam a ideologia não só como expressão da consciência de classe, mas como mecanismo que estrutura sujeitos e sentidos à medida que atua na produção de um imaginário ou uma interpretação evidente.

Em sendo assim, a ideologia é o mecanismo que estrutura sujeito e sentidos. É ela que se “aloja” na materialidade simbólica da língua(gem) revestida de/por uma interpretação evidente, que tem como efeito desconsiderar/apagar o processo sócio histórico pelo qual se constituiu como tal.

A ideologia será então percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado. (ORLANDI, 2000, p. 65).

A noção de ideologia, como vimos, é entrelaçada ao campo do discurso pelo viés do sujeito (efeito da ideologia) que, ao se identificar com os saberes de uma FD, ao mesmo tempo, (se) diz e, assim, “(re)produz” sentidos, (re)afirmando a “sua” posição a partir da qual “seu” discurso é “(re)produzido”.

É essa relação, pois, que constitui a historicidade do sujeito e dos sentidos. Assim entendidos, os sentidos não estão postos, dados, não são o resultado da relação estabelecida entre indivíduos situados/organizados socialmente, mas são efeito(s) de

sentido – imagens possíveis que estão atreladas a um contexto instável e heterogêneo.

Os sentidos podem ser outros, diferentes e deslocáveis. São formulados no interior da e na relação entre FD, de modo que há efeito de sentidos diversos, mobilizados por diferentes sujeitos ideológicos, afetados por FD diversas e antagônicas que estão em confronto na cena discursiva.

O diálogo/duelo, aqui, não está na relação entre indivíduos sociais como expressão da luta de classes, não se dá na arena do signo, mas na tensão entre FD que disputam o sentido, ou seja, os sentidos entram em tensão pelo viés dos sujeitos por estarem inscritos em diferentes FD.

## **Considerações finais**

### **Forjando um efeito de (in)conclusão**

Pelo exposto, é possível afirmar que as duas perspectivas de análise do discurso – centradas nas reflexões bakhtinianas e pecheuxtianas – contribuíram para o desenvolvimento e a ampliação dos estudos linguísticos, na medida em que incluem o social e o sujeito como categorias que se relacionam com a língua(gem). Com vistas a retomar sumariamente a maneira como tais perspectivas promoveram essa movência nas reflexões linguístico-discursivas, elaboramos um resumo contemplando as suas especificidades.

No que se refere ao primeiro eixo, que contemplou os objetos língua e discurso, assim sintetizamos:

O dialogismo propõe que a *língua* precisa dar conta das relações sociais e

entre indivíduos, de maneira que deve ser analisado em/a partir de condições materiais/verbais de acontecimento. Nesses termos, situamos o **discurso** como a concretude da língua, quando em uso por indivíduos sociais que representam e estabelecem na enunciação suas posições valorativas.

Do ponto de vista da AD pecheuxtiana, o **discurso** se “aloja” entre a língua e a ideologia, é, assim, um objeto linguístico, histórico, social e ideológico. Não pode ser concebido pelo trabalho produzido conscientemente por indivíduos que interagem, mas por sujeitos interpelados pela ideologia e inscritos em lugares sociais a partir dos quais “(re)produzem” “seu” discurso. A **língua**, como sinalizamos, é o lugar material do discurso e, por isso, não deve apenas dar conta das relações entre indivíduos, mas, sobretudo, do aspecto ideológico.

Quanto ao segundo eixo, ideologia, signo, indivíduos sociais/sujeitos, sentido/(efeito de) sentido, chegamos a essas conclusões:

Para o dialogismo, a **ideologia** e o **signo** (arena verbal/encontro da palavra com a realidade concreta) se entrelaçam de tal forma que, só por meio desse encontro, é possível expressar uma consciência de classe (posição valorativa) de **indivíduos sociais** que organizam, subvertem ou reproduzem as relações em sociedade porque tomam lugar/se inscrevem na língua e, dessa forma, interagem de maneira *consciente* a partir do lugar social que representam. E é graças a essa relação entre indivíduos sociais que dialogam/duelam pela arena do signo que se dá a instauração do **sentido** – expressão de um valor social atribuído por indivíduos organizados socialmente.

Já os postulados pecheuxtianos propõem que o **sujeito** não é consciente e

*dono* de seu discurso, todavia, é interpelado pela ideologia. Logo, é sujeito-efeito da ideologia, construído discursivamente por meio da relação com o interdiscurso. Portanto, o sujeito não está, necessariamente, organizado socialmente (luta de classes), mas assume – no discurso – posições-sujeito.

De acordo com esse raciocínio, a **ideologia** não é expressão da consciência de classe, mas mecanismo que interpela e estrutura sujeitos, ao passo que atua na produção de um imaginário evidente do sentido (efeito ideológico elementar), que atua no apagamento do processo social e histórico pelo qual essa interpretação evidente se constituiu como tal. A ideologia, então, é o mecanismo que constitui sujeitos e (**efeito de**) **sentido** – aqui entendido como imagens, representações possíveis que estão articuladas a um contexto histórico-político. Portanto, o diálogo/duelo entre/pelos sentidos não acontece na arena do signo, mas na tensão entre FD que disputam os sentidos.

Enfim, concluímos a discussão afirmando que, ao recepcionar o conceito de dialogia e das práticas discursivo-ideológicas, as reflexões linguísticas trilharam um percurso em que a inserção da heterogeneidade permitisse a emergência de outro ponto de vista para a língua e seu entorno constitutivo, suas fronteiras. Graças a esses deslocamentos, é possível realizar abordagens para além do estudo das formas, do código intrassistêmico e, ainda, acentuar a importância dos sujeitos sociais que são constituídos, “formulam” sentidos e dialogam/duelam sempre mediados por língua(gens)/discursos.

## Referências

- BACHELAR, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1982.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- \_\_\_\_\_. VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BORGES-NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.
- DASCAL, M. (Org.). *As Convulsões metodológicas da linguística contemporânea: fundamentos metodológicos da linguística, perspectivas da linguística*. Campinas: Edição do autor, 1982, Vol. IV.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- GADET, F.; HALK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- INDURSKY, F. A ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto. In: ZANDWAIS, A. (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.
- ORLANDI, E. P. *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.